

UNIVERSIDADE ESTADUAL PAULISTA “JÚLIO DE MESQUITA FILHO”

FACULDADE DE ARQUITETURA, ARTES E COMUNICAÇÃO

Larissa Maine

Nazinha: devoção popular no Círio

Bauru

2013

LARISSA MAINE

Nazinha: devoção popular no Círio

Trabalho de Conclusão de Curso de graduação em Comunicação Social – Jornalismo apresentado à Faculdade de Arquitetura, Artes e Comunicação da Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho”.

Orientador: Prof. Dr. Maximiliano Martin Vicente

Bauru

2013

LARISSA MAINE

NAZINHA: DEVOÇÃO POPULAR NO CÍRIO

Trabalho de Conclusão de Curso de graduação em Comunicação Social – Jornalismo apresentado à Faculdade de Arquitetura, Artes e Comunicação da Universidade Estadual Paulista “Julio de Mesquita Filho”.

BANCA EXAMINADORA

Prof. Dr. Maximiliano Martin Vicente

Prof. Mayra Ferreira

Prof. Dr. Cláudio Bertolli

Bauru, _____

*Para os meus pais, pelo amor e apoio
incondicionais que me ajudaram a chegar até aqui.*

*E a Deus, por ser a luz que me norteou
sempre que a escuridão parecia densa
demais.*

AGRADECIMENTOS

Passei todo o período da faculdade sem encontrar um ramo que me satisfizesse por completo no Jornalismo. Quando decidi fazer o trabalho de conclusão de curso sozinha, a vontade que me guiava era a de me descobrir enquanto jornalista. Ao final deste trabalho, com todas as qualidades e falhas que foram frutos deste processo, posso afirmar que a missão foi cumprida. Entre dois milhões de pessoas, em uma romaria no coração histórico de Belém, aturdida e com uma câmera na mão, pude usar tudo que aprendi nas 70's e ainda aprender mais uma boa dezena de lições que não aprendemos até sermos jogados no mundo lá fora. A principal é que nunca se faz jornalismo sozinho e é preciso ser grato àqueles que nos ajudam direta ou indiretamente no nosso trabalho. Assim, dedico meus mais sinceros agradecimentos:

A Deus, que me guiou pelas mãos por todos esses caminhos e continua a me guiar e renovar a cada dia.

Aos meus pais, que sempre apoiaram minhas decisões e me ensinaram valores como a importância de ouvir, de cuidar do outro e de ser honesto, em todas as instâncias, valores que levarei para a vida e para a minha profissão.

A todos os meus amigos de Bauru pelo companheirismo e pela paciência durante este período tenso de conclusão de curso, principalmente Bruno Sisdelli, Amanda Pioli Ribeiro, Camila Fernandes de Oliveira e Ana Luiza Catalano.

Aos meus amigos Flávio Meireles e Diego Dalmaso por me receberem em Belém de braços abertos e me ajudarem com tamanha boa vontade na filmagem do documentário. E aos meus queridos Dilermando Gadelha, Nilson Santarém, Phillippe Sendas e Thomas Bryann por me guiarem por Belém e também colaborarem na feitura deste documentário.

Ao meu amigo Fernando Geloneze, por ceder algumas madrugadas para auxiliar-me na edição.

À professora Mayra Ferreira e ao professor Maximiliano Vicente, por apoiarem este projeto e oferecerem imensa atenção e suporte.

E a todas as pessoas que aceitaram dividir comigo um pedacinho de suas histórias naquela procissão.

“Porque só tem graça ser repórter quando nos entregamos à experiência e deixamos que ela nos transforme. Se um dia eu voltar a mesma de uma viagem [...] abandono a profissão. Ser repórter é renascer e se recriar a cada reportagem. De preferência por parto natural.”

(Eliane Brum – “O olho da rua”)

RESUMO

O Círio de Nazaré é um espaço de manifestação da identidade cultural paraense onde a importância da religiosidade no cotidiano da população, da comunicação popular e do folclore se tornam nítidos e permitem a compreensão de diversos aspectos da realidade social desse estado. Este trabalho pretende mostrar, por meio de um documentário audiovisual, os principais elementos que são símbolos do Círio e explicá-los dentro do contexto da história da procissão e das tradições nele envolvidas.

PALAVRAS-CHAVE: Círio. Procissão. Nossa Senhora de Nazaré. Belém. Promessas.

ABSTRACT

Círio de Nazaré is a space of manifestation of the cultural identity of Paraense people, where the importance of religiousness in day-to-day life, popular communication and folklore becomes clear and enables the understanding of various aspects of that state's social reality. This work intends to show, through an audiovisual documentary, the main elements that symbolize Círio and to explain them within the context of the procession's history and the traditions involved in it.

KEYWORDS: Círio. Procession. Nossa Senhora de Nazaré. Belém. Promises .

Sumário

1. APRESENTAÇÃO	10
1.2 Justificativa: a importância acadêmica e social do tema	11
2. FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA	12
2.1 Folkcomunicação	12
2.2 Cultura e identidade.....	16
2.3 A história do Círio.....	18
2.3.1 A Trasladação.....	19
2.3.2 O Círio de Nazaré	20
2.3.3 As romarias fluvial e rodoviária	22
2.3.4 As festas pagãs.....	23
2.4 O formato documentário.....	24
3. METODOLOGIA.....	26
4. DESENVOLVIMENTO DO PROJETO.....	27
4.1. A construção do documentário.....	27
4.2 A narrativa	30
4.3 As dificuldades.....	32
4.4 Considerações finais.....	34
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	35

1. APRESENTAÇÃO

O Círio de Nazaré é um evento católico realizado anualmente em Belém do Pará. Apesar da origem e do caráter religiosos, o Círio envolve festejos santos e pagãos que têm o objetivo comum de homenagear a santa padroeira dos paraenses, Nossa Senhora de Nazaré. Ela recebe ainda outras denominações como Rainha da Amazônia, santa das águas, Naza ou Nazinha, como é chamada pelos devotos.

O ponto alto das comemorações do Círio de Nazaré uma romaria que leva a imagem da santa da Catedral da Sé até a Basílica de Nazaré sempre no segundo domingo do mês de outubro. Na noite do sábado anterior, a santa faz o caminho inverso em uma romaria menor chamada Trasladação. Nela, grande parte dos fiéis são jovens, os quais fazem o percurso para agradecer graças alcançadas como a entrada na universidade, a conquista de uma vaga de emprego e a cura de enfermidades. É uma procissão mais tranquila, pacífica em relação à do domingo. Há homenagens à santa organizadas pelas empresas da cidade por meio de shows de música e momentos de oração, pausas enquanto o povo descansa.

A procissão do domingo é diferente; participam da Procissão do Círio na maioria adultos, em virtude do ritmo desgastante e do aperto causado pela multidão. Atualmente, reúnem-se cerca de dois milhões de pessoas entre belenenses, pessoas de outras cidades do Pará, romeiros e turistas. Os romeiros vêm das cidades ao redor percorrendo o caminho a pé como pagamento de promessas. Os moradores de Belém recebem família de fora, visitantes, amigos. Católicos de todo o Brasil e até fieis de outras religiões como o candomblé e o espiritismo voam até Belém. A cidade toda para com o fim de homenagear a santa: trata-se de um evento de dimensões inimagináveis até que se testemunhe com os próprios olhos o rio de gente que serpenteia nas ruas principais de Belém, puxando uma grossa corda de 400 metros de comprimento em cuja extremidade descansa a berlinda de vidro, ornada em flores, que carrega a imagem da Rainha da Amazônia.

A corda do Círio, ela, um objeto inanimado e aparentemente sem significado, é, no entanto, a maior preocupação e o elemento que mais exige mobilização na romaria: é nela que se agarram os fieis que vão pagar promessas. Nos 400 metros de corda, milhões de mãos procuram sobreviver ao aperto da fila de pessoas que se forma nos dois lados da corda, ao calor desumano de Belém, ao cansaço, à sede, tudo com o fim de

agradecer à santa a conquista da casa própria, a superação de uma crise no casamento, uma vaga de emprego, a cura de um câncer, uma cirurgia bem sucedida, a vida do filho que sobreviveu a um acidente.

Muitos ainda carregam objetos de cera cunhados no formato de órgãos ou partes do corpo, os ex-votos, bem como casas ou barcos de madeira de miriti para ilustrar seus pedidos, exibindo a graça que receberam em um testemunho mudo, mas concretizado na dimensão do olhar.

As pessoas percorrem o caminho da procissão descalças no asfalto, o melhor jeito encontrado para que não machuquem (mais) os pés umas das outras, enquanto voluntários arremessam de longe garrafas de água, pescadas no ar pelos fiéis, ou jogam neles água pura para aliviar-lhes o calor. Enquanto isso, a Cruz Vermelha e organizações civis atuam em meio à multidão socorrendo dezenas de fiéis que desmaiam ou passam mal por causa do empurra-empurra, do aperto e do calor. No Círio, é possível testemunhar uma ideia enxertada no inconsciente popular pela religião, tão enraizada no Norte do país, que é a ponte estabelecida entre a bênção e o sacrifício, ideia que os próprios padres locais renegam, pois chega a prejudicar fisicamente os fiéis durante a procissão.

Para quem vê de fora, a imagem da Procissão do Círio é a de um formigueiro descalço onde todos usam branco, tornando indiscernível aquele que é pobre do que é rico, e sobre os quais paira uma comoção geral que resulta de uma fé comum. O Círio é a prova de que o povo encontrou na religião uma salvação, muito mais do que na política ou nas reivindicações sociais, e onde elementos como a subjetividade do indivíduo e a crença no sobrenatural exibem seu vulto.

O objetivo deste trabalho é mostrar e explicar os principais elementos que constituem o Círio por meio de um documentário audiovisual de 25 minutos, produzido a partir da visão de pesquisadores do tema e de devotos que frequentam a procissão.

1.2 Justificativa: a importância acadêmica e social do tema

O Círio de Nazaré é uma comemoração religiosa histórica e culturalmente rica. Em 2004, foi tombado pelo Programa Nacional do Patrimônio Imaterial tornando-se um dos patrimônios culturais brasileiros. Apesar disso, o Círio de Nazaré é ainda pouco conhecido fora das regiões Norte e Nordeste e encontra pouco espaço na mídia comercial do restante do país.

O Círio é um espaço de manifestação da identidade cultural paraense onde a importância da religiosidade no cotidiano da população, da comunicação popular e do folclore se tornam nítidos, muitas vezes juntamente com problemas sociais. Por causa disso, o tema adquire relevância social na medida em que nos permite compreender diversos aspectos da realidade belemense e paraense.

Enquanto produto audiovisual, sua importância acadêmica se justifica por meio da aplicação de conhecimentos jornalísticos aprendidos durante a graduação, principalmente sobre ética, técnicas de entrevista e de telejornalismo. Esses conhecimentos tornaram possível a feitura de todo o processo de construção de uma narrativa audiovisual fundamentada em dados recolhidos em pesquisa bibliográfica, documental e em entrevistas. Foram aplicados ainda conhecimentos sobre o *new journalism*, que permitiram a participação da realizadora do documentário dentro da narrativa sem que o princípio de objetividade se anulasse.

2. FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

2.1 Folkcomunicação

A reflexão sobre conceitos referentes à Folkcomunicação é importante neste trabalho para que entendamos a relevância da comunicação folk no contexto do Círio de Nazaré, como ela está implícita nos elementos desse evento comunicando aspectos culturais, sociais e até econômicos acerca dos grupos que dele participam, e, em segundo lugar, para delimitarmos esses grupos.

Criado em 1967 por Luiz Beltrão, o termo Folkcomunicação define o estudo das formas de comunicação pelas quais as manifestações de cultura popular e do folclore são transmitidas dentro de determinados grupos. O objeto de estudo da Folkcomunicação não é, portanto, a própria cultura popular, mas sim os procedimentos comunicacionais pelos quais as manifestações da cultura popular e do folclore ganham vida. (SCHIMIDT, 2006).

Segundo Beltrão, a audiência folk é constituída principalmente de grupos marginalizados, que estão excluídos do contato com a grande mídia por fatores geográficos ou sociais, e classifica três tipos de grupos: os grupos rurais marginalizados, os grupos urbanos marginalizados e os grupos culturalmente marginalizados.

Os grupos rurais marginalizados são formados por habitantes de áreas isoladas, carentes de energia elétrica, meios de transporte eficientes e sem contato com os meios de comunicação massivos, que estão “desassistidos ou precariamente contatados pelas instituições propulsoras da evolução social”. Para comunicarem-se, os indivíduos deste grupo usam o relato de causos, a contação de histórias e a transmissão oral de regras morais e costumes entre pais, filhos, irmãos, avós e outros personagens da comunidade, como padres e velhos.

Os grupos urbanos marginalizados, embora habitem o meio urbano, têm acesso limitado aos meios de comunicação de massa. Muitas vezes essa limitação vem da dificuldade de decodificação de suas mensagens, o que é resultado da pouca escolarização e formação educacional, já que grande parcela desse grupo não tem acesso a instituições de ensino por falta de oportunidade ou de estímulo, formando uma classe de subletrados. Outro aspecto que perpetua a exclusão desse grupo, segundo Beltrão, é a incompatibilidade da realidade de que os meios de comunicação se ocupam com a realidade que vivem.

Os grupos culturalmente marginalizados destoam politicamente, ideologicamente ou religiosamente da massa. Têm interpretações personalíssimas em relação às tradições e crenças já estabelecidas na sociedade pelos grandes veículos de comunicação. De acordo com o autor, fazem parte desse grupo político-ativistas, indivíduos messiânicos ou ainda erótico-pornográficos. São canais folk típicos dos grupos marginalizados os folhetos de cordel, as danças, músicas, os contos e fábulas folclóricas, os grafites urbanos, as cartas públicas, as fotografias expostas nas salas de milagres dos santuários, os ex-votos, entre outros.

Beltrão se inspirou no processo comunicacional desenvolvido por Lazarsfeld, o “Two steps flow of communication”, para identificar o processo de comunicação folk. Contrariamente à Teoria Hipodérmica, em que cada indivíduo da audiência é pessoal e diretamente atingido pela mensagem, Beltrão reconheceu na comunicação folk o papel do líder de opinião. O líder de opinião é o sujeito que recebe em primeira mão a mensagem dos meios de comunicação de massa, e, incluindo sua própria interpretação da informação recebida, a retransmite ao grupo, direcionando assim a comunicação interpessoal dentro dele.

No processo completo desenhado por Beltrão, uma fonte transmite uma mensagem através de um canal representado pelos meios de comunicação de massa,

chegando até uma audiência, onde estão contidos os líderes de opinião, intitulados Líderes-comunicadores, os quais, por fim, repassam a mensagem para uma audiência folk, como no esquema apresentado abaixo:

Fonte (comunicador) → Canal (veículo de massa) → Audiência (+ líderes de opinião) → Canal folk → Audiência folk (grupos marginalizados)

Entendemos então que os canais folk alcançam mais facilmente os grupos marginalizados por conterem as linguagens, formatos e conteúdos que já lhes são cotidianos, e, portanto, facilmente assimiláveis. É dessa forma que se perpetuam as tradições e costumes populares e folclóricos.

No processo folkcomunicacional a mensagem é estruturada artesanalmente, veiculada horizontalmente e dirigida a uma determinada audiência, quase sempre constituída por membros de um mesmo grupo de referência sociocultural e de interconhecidos. Portanto, a mensagem do sistema da Folkcomunicação é dirigida a um determinado mundo, enquanto a mensagem dos meios de comunicação de massa é planetária, está ao alcance de uma grande audiência constituída por grupos anônimos, de grande diversidade e heterogeneidade (TRIGUEIRO, 2006, p. 153).

Explicitados os conceitos que embasam a Folkcomunicação podemos identificar as ligações com o Círio de Nazaré, procissão realizada todos os anos em Belém em homenagem à santa padroeira dos paraenses, Nossa Senhora de Nazaré. Devido à complexidade e riqueza cultural desse evento, no qual não só está envolvida a romaria, mas também outras comemorações santas e pagãs em homenagem à santa, a comunicação folk está presente por meio de vários elementos, entre os quais o mais expressivo talvez seja o ex-voto.

No contexto do Círio, o ex-voto é um objeto que representa uma graça recebida pelo fiel. Em pagamento pela graça alcançada, ele compra ou produz um objeto de cera ou de miriti – materiais mais usados na tradição em Belém –, depositando-o no Carro dos Milagres ou carregando o objeto nos ombros ou na cabeça durante toda a procissão. Nesta atitude, o ex-voto assume duas funções: o de signo, quando não mais representa um simples objeto e sim a graça que o fiel recebeu da santa, e o de reflexo da identidade, na medida em que as características do objeto podem expressar de que

cultura, região, estrato social e até econômico vem o romeiro dono do ex-voto em questão.

Nas características das casinhas de miriti, por exemplo, sustentada pelos romeiros durante toda a procissão do Círio em agradecimento pela casa própria, podemos identificar os elementos da cultura local: são as cores das casas do Norte, com as mesmas formas das casas do Norte. São, portanto, fontes de informação do povo paraense e comunicam para os outros devotos e para os descrentes a graça alcançada, como se fosse o elemento comprovador da “eficácia” da santa.

A prática mais tradicional da comunicação, nas devoções populares, é a entrega do ex-voto. No ex-voto paga-se o compromisso de natureza contratual com o santo. A entrega do ex-voto é, porém, a publicização da intervenção – o milagre ou, mais modestamente, a graça alcançada – mensagem cujos receptores são os outros devotos ou pessoas que circunstancialmente passem ou visitem o local da devoção. Quanto mais ex-votos depositados, mais provados ficam os benefícios alcançados pela intercessão do santo, o que faz crescer a fama e despertar o interesse de novos devotos (BENJAMIM apud TRIGUEIRO, 2006, p.157)

Essa publicização atinge, então, dois níveis comunicacionais. Comunica aspectos sobre a cultura e a vida do belemense ao mesmo tempo em que torna públicos os problemas e enfermidades do povo de Belém – e em maior abrangência, do Pará e do Norte – apontando para as áreas mais carentes de políticas públicas.

Outro meio de comunicação folk expressivo no Círio são as tradições orais. As músicas de adoração à santa, as histórias que testemunham seus milagres, as orações populares e as tradições são transmitidas oralmente de geração para geração, de modo que, ainda que não pertençam à religião católica, de crianças até velhos todos as conhecem. As práticas de comunicação popular detêm um papel essencial na preservação das culturas locais e do folclore, entendido como os contos populares, os mitos, as lendas, as canções e os costumes tradicionais preservados e transmitidos de uma geração para outra oralmente (SCHIMIDT, 2006).

Quanto ao enquadramento dos devotos nas categorias delineadas por Beltrão, embora a grande massa do Círio faça parte da classe econômica média-baixa, ela apresenta uma particularidade. Na procissão encontramos pessoas não somente de todos os credos, mas também de todas as classes sociais, o que nos impede de classificar este grande e diverso grupo que compõem os dois milhões de pessoas que encorpam a

romaria do Círio todos os anos. O que esta e outras manifestações religiosas populares provam é que a fé existe independentemente de classe social. Quando os meios “racionais” de se conseguir um bem já não dão resultados, a fé parece ser um sentimento poderoso o suficiente para reunir diferentes estratos sociais em função de problemas comuns e que atingem a todos na sociedade: a cura de uma enfermidade, a resolução de um problema familiar, a recuperação de um trauma, entre outros. Os dois milhões de pessoas que encorpam anualmente o Círio de Nazaré parecem nos dar um testemunho profícuo de que a fé – não importa em que devoção – é um sentimento tanto quanto ou mais poderoso do que o de união política, por exemplo. Ao mesmo tempo em que isso revela uma aparente descrença no poder das instituições para resolver problemas como o desemprego e a pobreza em Belém, também pode apontar para uma dificuldade de mobilização política da população. Enquanto a mobilização política baseia-se necessariamente na ideia de união dos grupos, a mobilização em torno da fé é do indivíduo para ele mesmo, não necessitando de esforços de um conjunto. Por esses motivos, a classificação da grande massa que constitui os dois milhões de devotos do Círio é complexa. Pode-se afirmar, no entanto, que há indivíduos dos três grupos apontados por Beltrão mais indivíduos das altas classes sociais, não marginalizados, embora este grupo seja a minoria.

2.2 Cultura e identidade

Para Cucho (1999), a identidade de um indivíduo é formada a partir da interação do eu com a sociedade e do contexto social em que ele está incluído. Nesse sentido, o território físico em que o sujeito se desenvolve também assume um papel importante. Segundo Haesbaert (apud MAUÉS; PANTOJA, 2008, p. 59) “toda identidade territorial é uma identidade social, definida fundamentalmente através do território, ou seja, dentro de uma relação de apropriação que se dá no campo tanto das ideias quanto da realidade concreta”.

A Amazônia é um espaço determinante na construção da identidade do paraense. O rio e a floresta estão intimamente ligados às noções de existência terrena e sobrenatural do homem, o que deu origem a lendas e crenças que são transmitidas de geração em geração até os dias de hoje no Norte e Nordeste do país (MAUÉS, 2008). Com a colonização europeia, a mistura dessas crenças com o catolicismo originou uma forma de organização social particular nessas regiões.

É esse misto de catolicismo europeu e de crenças indígenas, além de uma certa influência de crenças de origem africana que, praticadas em um ambiente típico como o da Amazônia, concorreu para uma forma particular de organização social, que tem na religião uma das formas de manifestação desse processo de fusão de elementos, que foi consideravelmente afetado pelas condições especiais do ambiente físico (GALVÃO apud MAUÉS; PANTOJA, 2008, p. 58).

Maués salienta que esse processo acontece porque os espaços nos quais habita o homem são mais do que espaços de morada: são espaços de vivência. Esses espaços tornam-se fundamentais no modo de lidar com a natureza, com a comunidade e até mesmo com os deuses. “A construção de identidades se faz no interior de contextos sociais que determinam a posição dos agentes e por isso mesmo orientam suas posições e suas escolhas. Além disso, a construção de identidades não é uma ilusão, pois é dotada de eficácia social, produzindo efeitos sociais reais” (Cuche, 1999, p.182).

A cultura nacional e a cultura regional – no Brasil, por exemplo, defende-se a ideia de várias culturas regionais e não de uma cultura heterogênea – também produzem sentidos sobre a identidade dos indivíduos. O sujeito se apropria inconscientemente de elementos que reafirmam e que permitem a continuidade dessa cultura, ao mesmo tempo em que criam um sentimento de semelhança entre o grupo, uma noção de comunidade. São esses elementos:

- A narrativa da nação tal como é contada nas histórias, na cultura popular, na mídia e na literatura nacional. São imagens, estórias, eventos históricos e símbolos que representam as “experiências partilhadas, as perdas, os triunfos e os desastres que dão sentido à nação” (HALL, 2000, p. 52);
- A ênfase nas origens e continuidade, que permeiam a ideia de que os “elementos essenciais do caráter nacional permanecem imutáveis, apesar de todas as vicissitudes da história” (p. 53);
- As tradições, conjunto de práticas rituais ou simbólicas que buscam inculcar certos valores e normas por meio da repetição, criando uma noção de continuidade entre passado e presente;
- E, por último, o mito fundacional, uma estória que localiza a origem da nação e do povo em um passado distante e *mítico* (p. 54).

Tratam-se, na realidade, de processos que ajudam a construir e a reafirmar a identidade dos sujeitos no percurso entre o passado e o futuro e a garantir a

continuidade do sentimento de semelhança. Em Belém, as lendas e a estória do achado da santa são anualmente recriadas durante a procissão do Círio e assim a tradição continuou ano após ano desde o século XVII.

Na Amazônia há dois elementos particularmente importantes para se entender a identidade regional construída ao longo da história e da relação entre os indivíduos e o meio ambiente: a lenda do “encantado do fundo” e a festa de santo.

O encantado é um personagem dos mitos regionais que resultou do sincretismo entre as crenças indígenas, católicas e africanas e que se manifesta sob três formas (MAUÉS, 2008): o “bicho do fundo”, como quando aparece como boto, cobra-grande e diferentes espécies de peixes; a oiara, ou iara, quando aparece sob forma humana, sobretudo a bela mulher à beira do rio e dos manguezais; e o caruana, quando sob forma invisível “incorpora” os curadores da pajelança cabocla para curar os doentes que vão procurar esses xamãs. E a popular festa de santo, comemoração católica muito arraigada entre as populações rurais e urbanas do Norte e Nordeste, é feita para homenagear o santo ou a santa. A festa assume uma dimensão ainda mais especial quando se trata de um santo ou santa padroeiro. Na Amazônia oriental, a festa mais importante é a dedicada a Nossa Senhora de Nazaré, santa padroeira dos paraenses considerada a Rainha da Amazônia.

2.3 A história do Círio

A devoção a Nossa Senhora de Nazaré surgiu primeiramente em Portugal. A lenda diz que Dom Fuas Roupinho, um nobre auxiliar do Rei Afonso Henriques I, possuía terras na região onde havia sido encontrada uma imagem de Nossa Senhora de Nazaré. Durante uma caçada em que ele perseguia um veado, uma neblina o impediu de enxergar que se aproximava de um promontório. Quando pôde avistar a beirada do precipício, diz-se que o nobre rogou à santa que o livrasse da morte e, instantaneamente, o cavalo estacou, impedindo que ambos caíssem. Esse foi o primeiro milagre reconhecido da santa. O segundo milagre foi feito quando Vasco da Gama estava em busca do Caminho das Índias. Sua embarcação passava por uma grande tempestade quando ele rogou a santa que os livrasse, e todos ficaram salvos.

A partir dos milagres reconhecidos a devoção a Nossa Senhora de Nazaré foi adotada pela monarquia portuguesa e continua como importante devoção até os dias de hoje, embora tenha, a partir da República, se tornado menos importante do que a devoção a Nossa Senhora de Fátima. No Brasil essa devoção chegou com a colonização

portuguesa e foi levada a várias partes do país. Acredita-se que tenha chegado ao Pará com colonos açorianos na primeira metade do século XVII, numa vila posteriormente nomeada de Nossa Senhora de Nazaré da Vigia.

Em Belém a devoção a Nossa Senhora de Nazaré começou quando o caboclo Plácido José de Souza encontrou no igarapé Murutucu uma pequena estátua da santa esculpida em madeira, réplica da que estava em Portugal. O caboclo, que se tornou o dono da santa, decidiu levá-la para casa, onde ergueu um pequeno altar.

Mas, segundo a lenda, a imagem inexplicavelmente retornava todas as noites ao local em que fora encontrada. Interpretando o fenômeno como um sinal divino, Plácido ergueu próximo ao igarapé uma pequena igreja em homenagem à santa e logo a devoção se expandiu por conta do milagre. O acontecimento chamou a atenção do governador da capitania, Francisco da Silva Coutinho, que determinou a remoção da imagem para a capela do Palácio da Cidade, mas novamente a imagem ressurgiu na capela. A devoção, então, adquiriu caráter oficial e ergueu-se a igreja que hoje é a suntuosa Basílica de Nossa Senhora de Nazaré. Em 1774, a imagem da santa foi enviada a Portugal para sofrer uma restauração, e ao retornar a Belém meses depois, foi transportada pelas autoridades eclesiásticas e civis do porto até o santuário, acompanhada em romaria pelos fieis. Este foi o primeiro Círio de Nazaré. O único ano em que não se celebrou o Círio foi em 1835, quando os cabanos tomaram a cidade de Belém no início da revolta popular da Cabanagem. Posteriormente o caminho estabelecido para a procissão foi o percurso de aproximadamente 5km entre a Catedral da Sé e a Basílica de Nossa Senhora de Nazaré, como acontece até hoje.

2.3.1 A Trasladação

Na noite do sábado anterior ao Círio há a segunda romaria mais importante da Festa de Nazaré: a Trasladação. Diz-se Trasladação porque por meio dela leva-se a santa até o ponto em que a procissão do Círio começa no dia seguinte, ou seja, enquanto a Trasladação inicia na Basílica de Nossa Senhora de Nazaré e termina na Catedral da Sé, o Círio faz o caminho contrário, trazendo de volta a imagem para o lugar em que ela permanecerá guardada até a procissão do próximo ano.

O número de pessoas na Trasladação é bem menor do que no Círio. É uma procissão mais rápida, o público é mais jovem e há paradas programadas ao longo do percurso, homenagens à santa organizadas por empresas da cidade. Em cada parada há

um rápido evento: um coral de louvores, um cantor famoso - Fafá de Belém é a mais requisitada na Festa de Nazaré, por ser devota e natural da cidade - e momentos de oração. Assim como no Círio, as pessoas vão vestidas de branco e descalças no asfalto para não machucarem os pés umas das outras. É grande o número de jovens e adolescentes na Trasladação rogando graças à santa – passar no vestibular, por exemplo - o que indica que a religiosidade é um elemento marcante da identidade cultural do belemense, sendo compartilhado de pais para filhos. O próprio carro que carrega a berlinda na Trasladação é acompanhado por coroinhas vestidos de anjos.

2.3.2 O Círio de Nazaré

O Círio é o ápice da Festa de Nazaré e é realizado sempre no segundo domingo de outubro. A maioria das pessoas que participam do Círio é adulta e há poucos jovens e idosos em virtude do ritmo desgastante e do empurra-empurra causado pela multidão. Atualmente, reúnem-se cerca de dois milhões de pessoas entre belemenses, pessoas do interior do Pará e turistas na procissão. Há romeiros que vêm das cidades ao redor percorrendo o caminho até Belém a pé como pagamento de promessas. Católicos de todo o Brasil e fieis de outras religiões como o candomblé e o espiritismo também frequentam a procissão. A cidade toda pára com o fim de homenagear a santa.

A corda do Círio é o símbolo mais importante da procissão: é nela que se agarram os fieis que vão pagar promessas e é ela que puxa o carro da berlinda. Segundo a lenda, a corda foi incorporada no Círio em uma procissão em que o carro da santa empacou no barro, sendo necessária a corda para tracioná-lo. Desde então a corda adquiriu uma conotação simbólica e tornou-se o elemento mais representativo do Círio até os dias de hoje. Agarrados aos 400 metros dessa corda, milhares de devotos tentam sobreviver ao aperto da fila que se forma dos dois lados, ao calor, ao cansaço e à sede com o fim de agradecer a conquista da casa própria, a superação de uma crise no casamento, uma vaga de emprego, a cura de enfermidades, entre outras graças que os romeiros atribuem à misericórdia da santa.

O simbolismo da corda também pode ser associado à cobra-grande e à lenda do encantado do fundo, bem como o próprio cortejo, tal como na música “Procissão”, de Gilberto Gil: “Olha lá, vai passando a procissão, se arrastando que nem cobra pelo chão”.

O segundo elemento mais marcante do Círio é o ex-voto feito de cera ou de miriti. O ex-voto cunhado em cera, geralmente imitando partes do corpo, é carregado pelos fiéis na procissão como pagamento de promessa por uma graça alcançada. Um romeiro que sofreu de um problema na perna, por exemplo, leva até a procissão um objeto de cera em forma de perna e o carrega até o final na procissão, ou o deposita no “Carro dos Milagres”, um grande carro alegórico onde os fiéis depositam seus ex-votos. Cada ex-voto assume o papel de um testemunho mudo para os outros devotos na procissão e também para os “descrentes” – são, portanto, a concretização na dimensão do olhar da “eficácia” da santa. O ex-voto em miriti, um tipo de madeira leve natural da região, assume a mesma função, mas traduz com ainda mais precisão, por causa de suas cores e formas, os aspectos da vida do homem paraense, bem como de sua identidade pessoal, como já foi explicitado anteriormente.

Durante o Círio, os romeiros percorrem o caminho da procissão descalços no asfalto, o melhor jeito para que não machuquem demasiadamente os pés uns dos outros. A Cruz Vermelha e outras organizações civis atuam em meio à multidão socorrendo fiéis que desmaiam ou passam mal por causa do empurra-empurra, do aperto e do calor. O Círio é uma ocasião em que se pode testemunhar a relação dor/grança, muito enxertada no inconsciente popular nortista e nordestino, que é a ponte estabelecida entre a bênção e o sacrifício, o que pode apontar para mais um aspecto da identidade cultural paraense, tendo em vista o importante papel que a religiosidade nela exerce.

[...] a devoção a N.S. de Nazaré permeia o cotidiano da cidade, está presente no dia-a-dia da população, pode ser percebida nos incontáveis altares que se espalham por todos os lugares públicos e privados como residências, mercados, lojas, bancos, instituições públicas etc. Ao mesmo tempo em que ocupa o lugar símbolo do sagrado, a santa também é vista com certa intimidade pelos paraenses, que a tratam carinhosamente como Naza, Nazoca ou Nazinha, um semelhante que cultiva os mesmo hábitos e gostos, tem as mesmas preocupações quanto aos problemas locais e o meio ambiente (LIMA, 2005, p. 61).

Uma tradição importante é o Almoço do Círio, realizado depois da procissão no domingo. O almoço é feito de pratos típicos do Pará como a maniçoba, o tacacá, o pato-no-tucupí e o mousse de cupuaçu, e reúne família e amigos em um gesto de comunhão. A maniçoba e o pato-no-tucupí, especialmente, são alimentos potencialmente reimosos. Feita da folha da mandioca, a maniçoba permanece em cozimento durante sete dias até

perder as propriedades que a tornam “venenosa” quando crua, e o jambu, erva que acompanha o pato-no-tucupi, também deve ser devidamente cozido antes de consumido. São alimentos que “obedecem a um preparo ritual sofisticado, para poderem ser consumidos, também ritualmente, num momento de confraternização, sobretudo familiar – mas também dos amigos e dos visitantes distantes, momento em que se expressa o conagraamento e a identidade regional” (PANTOJA; MAUÉS, 2008, p. 62).

2.3.3 As romarias fluvial e rodoviária

Além da Trasladação e do Círio, há outras romarias realizadas em homenagem à virgem: são onze ao todo. As principais são a romaria fluvial, a romaria rodoviária e a moto-romaria, todas realizadas no sábado, antes da Trasladação. A primeira é a romaria rodoviária, realizada no sábado de manhã. Ela sai da Igreja Matriz de Nossa Senhora das Graças e vai rumo a Icoaraci, distrito de Belém. A procissão é acompanhada por carros de civis, da polícia, bombeiros, ambulâncias e da Diretoria do Círio. Depois de um percurso de 24 km, a procissão chega a Icoaraci por volta das 8h00, onde uma missa é celebrada. A imagem então é colocada em uma embarcação para continuar a viagem rumo à Praça Pedro Teixeira para dar início à Romaria Fluvial.

Na romaria fluvial a imagem da santa é levada de barco pela Baía do Guarajá, que cerca a cidade de Belém. Esse barco é seguido por outros, enfeitados com faixas e ornamentos dedicados à santa. Ao chegar ao cais, a imagem é recebida pela multidão e outras homenagens se seguem. Essa romaria surgiu por volta de 1980 como uma forma de homenagem feita por todos aqueles que dependem dos rios da região para sustento, como a população ribeirinha.

A romaria fluvial é muito significativa simbolicamente, já que para os católicos populares Nossa Senhora de Nazaré é considerada uma santa das águas. Tendo a devoção surgido em uma pequena aldeia de pescadores em Portugal, de lá ela foi transportada, pelo oceano, para outro povoado de pescadores no Pará. Não é sem razão que há a presença de tantas barcas no Círio, como os ex-votos e os carros dos Milagres e dos Anjos (que também são barcas). A alegoria do segundo milagre autêntico de Nossa Senhora de Nazaré também representa um barco, uma caravela prestes a afundar num mar revolto. Assim, embora não seja tão reiterada como a condição de padroeira, as representações populares também conferem à santa a condição de rainha das águas (PANTOJA; MAUÉS, 2008).

Acredito que não seja outro, legitimamente, o sentido do ‘círio amazônico’ ou simplesmente do ‘Círio’, senão esse: o da salvação; do naufrágio; mesmo o naufrágio hoje metafórico: todos os ‘naufrágios’ da criatura humana (ROSÁRIO apud MAUÉS; PANTOJA, 2008, p.64).

Já a moto-romaria sucede a romaria fluvial. Motociclistas e ciclistas recebem a imagem da santa no Cais do Porto em Belém e a escoltam até o Colégio Gentil Bittencourt, em um trajeto de 2,6 km.

2.3.4 As festas pagãs

O complexo conjunto de comemorações da Festa de Nazaré também inclui festas pagãs. A principal delas é o “Auto do Círio”, um cortejo criado em 1993 pela Companhia de Teatro e Dança da Universidade Federal do Pará com a ideia de convergir os artistas paraenses para homenagear Nossa Senhora de Nazaré. O Auto é realizado em forma de cortejo dramático e teatro de rua, unindo várias formas de linguagem, como música, teatro, dança e folclore. O espetáculo todo se assemelha muito a um carnaval de rua – ao que a população apelidou de “carnaval devoto”. Há, inclusive, no final do trajeto do cortejo, apresentações de artistas regionais da música. Em outubro de 2012, uma das apresentações foi de uma escola de samba, com as tradicionais sambistas semi-vestidas, o que denota a natureza pagã da festa, embora o objetivo seja a homenagem a Nossa Senhora de Nazaré. Durante todo o cortejo também é permitido o consumo de bebidas alcoólicas.

Assim que a santa atravessa a Rua Presidente Vargas durante a Trasladação, por volta das 21h de sábado, o ritmo eletrônico de boate, o tecnobrega e o carimbó inundam a Praça da República, onde começa a Festa da Chiquita, comemoração pagã que celebra e reivindica a diversidade sexual. Paradoxalmente, essa festa que é totalmente profana lutou pelo seu lugar na madrugada entre a Trasladação e o Círio numa tentativa de afirmar o direito da população LGBT de participar da Festa de Nazaré e da devoção à santa em pé de igualdade. Durante a madrugada, se revezam no palco transformistas, DJs e personalidades locais que já venceram o “Veado de Ouro”, prêmio dado a alguém da população LGBT que se destacou naquele ano. Por defender preceitos opostos aos dogmas da Igreja Católica, a Chiquita ainda não é aceita pela Diretoria da Festividade

do Círio, que não a reconhece como parte da programação, embora seja amplamente aceita pelos belemenses e esteja prevista no calendário comemorativo da cidade.

Ao conjunto dessas celebrações santas e pagãs, das missas e romarias relacionadas ao Círio deu-se o nome de Festa de Nazaré para abarcar todas as comemorações dedicadas a Nossa Senhora de Nazaré neste período de outubro.

2.4 O formato documentário

Escolheu-se o documentário como formato para se contar a história do Círio pelo fator tempo. O formato documentário oferece mais liberdade para desenvolvimento das ideias e também maior liberdade estética em relação ao formato reportagem, composto de cabeça, *off*, sonora, passagem e nota pé. Além disso, a análise encontraria maior espaço para desenvolvimento se realizada no formato escolhido do que em uma reportagem televisual, cuja característica é ocupar-se do factual e da atualidade. “Os documentaristas são pessoas do presente – o presente sociológico sendo um passado imediato, mas ainda ativo -, e não pessoas da atualidade. A missão impossível da informação televisual é a de pedir ao repórter para ter as qualidades – e o tempo! – de um documentarista.” (GAUTHIER, 2011, p. 226).

O trunfo do formato documentário é a capacidade que tem de representação da vida real e dos atores sociais, bem como sua validade temporal. O documentário se ocupa de temas reais e não efêmeros, ou seja, que resultaram ou ainda resultam em efeitos reais sobre a sociedade.

A oposição filme ficcional e documentário – o “cinema do real” – é frequente para descrever a natureza documental e evoca a noção de que a realidade retratada pelo documentário é nada menos do que o *retrato fiel*, e em maior instância, *a verdade única e pura* sobre aquela realidade.

Pela capacidade que têm o filme e a fita de áudio de registrar situações e acontecimentos com notável fidelidade, vemos nos documentários pessoas, lugares e coisas que também poderíamos ver por nós mesmos, fora do cinema. Essa característica, por si só, muitas vezes fornece uma base para crença: vemos o que estava lá, diante da câmera, deve ser verdade (NICHOLS, 2005, p. 28).

De fato, o produto documental busca retratar a realidade, mas algumas observações são necessárias. O produto audiovisual documental, desde a observação até

a filmagem, montagem, edição e narração passa por um filtro, o da *visão* de seu realizador, sendo mais adequado, portanto, o termo “interpretação da realidade”. Mesmo que durante todo o processo o documentarista busque o máximo possível de imparcialidade – e os jornalistas são os principais seguidores dessa necessária utopia – sabe-se que a total isenção de opinião é impossível, pois até a ordenação de importância dos fatos passa pelo crivo da interpretação, que nunca é totalmente livre de opinião ou de julgamento. Assim, embora se ocupe do que é real, o documentário não é capaz de mostrar uma *verdade* pura e única sobre determinado tema, porque a própria verdade se relativiza de acordo com o ponto de vista que se toma.

Tomando o exemplo desta experiência com o Círio, na visão da realizadora deste trabalho, o sofrimento por que passam os promesseiros ao caminharem descalços por horas no sol e no aperto entre milhares de pessoas é um costume que é fruto de uma ligação errônea entre as ideias de “merecimento” e de dor. Incutida no imaginário daquelas pessoas há a ideia de que precisam sofrer para agradecer as graças recebidas da santa, ou para mostrar que são merecedoras dessa graça, oferecendo a si mesmas nessa espécie de sacrifício físico durante a procissão. Para o promesseiro, no entanto, que deposita ardentemente sua fé na santa e nessa crença, a verdade sobre o ato de sofrimento muda, e, como sublinha em uma das sonoras que cedeu para este documentário a professora de Linguística Rosa Brasil, da Universidade Federal do Pará, talvez o sofrimento físico nem seja considerado como tal na medida em que o sofrimento emocional se dilui por causa do recebimento da graça.

Além disso, retratar a vida real em um produto audiovisual é trabalhar com pessoas comuns, atores sociais em contextos reais, diferentemente do produto ficcional, que se desenvolve com atores contratados, falas e ações ensaiadas, e um roteiro pré-montado. Por isso, o documentário demanda cuidados éticos especiais para que nenhuma pessoa mostrada na filmagem se sinta prejudicada ou injustiçada. Um documentário sobre exploração sexual, por exemplo, do qual participam mulheres que já sofreram abuso e que, no vídeo, mostram o rosto, poderiam sofrer consequências como preconceito ao retornarem aos seus cotidianos. Desenvolver um documentário é perguntar-se, portanto, em primeira instância, que responsabilidade se tem sobre a vida dos personagens que foram filmados ou mesmo de que maneira a filmagem pode afetá-los.

3. METODOLOGIA

Primeiramente, a metodologia que se utilizou para entender o fenômeno do Círio foi a Pesquisa Bibliográfica, por meio da leitura de artigos como “Círio de Nossa Senhora de Nazaré em Belém/PA: inventário e registro como patrimônio cultural Brasileiro”, de Maria Dorotéia de Lima; “Outra Amazônia: os santos e o catolicismo popular”, de Heraldo Maués; e “O Círio de Nazaré na Constituição e expressão de uma identidade regional amazônica”, de Heraldo Maués e Vanda Pantoja, artigos que deram embasamento para entender o que é o Círio enquanto expressão da identidade cultural paraense e os elementos simbólicos que nele estão envolvidos. Além disso, também foi estudada a questão da cultura e da identidade dentro das teorias formuladas por Stuart Hall, e a Folkcomunicação segundo Beltrão e Cristina Schmidt.

Também foi utilizada a Pesquisa Histórica por meio de documentário e reportagem audiovisuais sobre o Círio e as festividades nele envolvidas, como o documentário independente “As filhas de Chiquita” e a edição do programa Profissão Repórter sobre o Círio de Nazaré, ambos disponíveis na internet.

Feita a pesquisa teórica, realizou-se uma viagem a Belém para registrar *in loco* a procissão e entrevistar três pesquisadores do Círio, professores da UFPA: Heraldo Maués, historiador e antropólogo, Rosa Brasil, linguista, e Regina Alves, professora de Jornalismo. As entrevistas foram organizadas de forma a explorar o que há por trás dos elementos do Círio como os ex-votos, a corda, a relação entre a população e a santa e de tradições como as promessas e o almoço do Círio.

Já a abordagem dos devotos durante a procissão foi feita de maneira diferente e mais distanciada. A procissão é um momento de fragilidade: muitos estão chorando, em oração ou irritados por causa do aperto e do calor. A maioria das pessoas abordadas foi resistente para ceder um depoimento, porque cada um ali se comunicava intimamente com a santa ou com Deus. Tratava-se de um momento de privacidade. Por causa disso, optou-se por coletar depoimentos mais sóbrios e usar mais tempo de filmagem da multidão e de determinados indivíduos à distância para evitar a exploração da emoção. Essa escolha foi feita por acreditar-se que o documentário não perderia em informação e ganharia em objetividade.

Por último, a seleção das imagens e entrevistas foi organizada de modo a construir uma narrativa que explicasse o que é o Círio e os elementos que nele estão

envolvidos com o fim de mostrar um pouco da identidade paraense nele refletida e que é parte do grande patrimônio imaterial e diversidade cultural do Brasil.

4. DESENVOLVIMENTO DO PROJETO

4.1. A construção do documentário

A ideia para este documentário surgiu durante um intercâmbio em Portugal, mais precisamente quando me mudei para uma república estudantil em que moravam seis belemenses. Foi por meio deles que conheci o Círio, evento de que eles falavam tanto. O que me chamou atenção foi o fato de seis jovens – todos por volta dos 22 anos – serem tão ligados à religiosidade e esperarem pela Festa de Nazaré com certo anseio. Quando um deles, Flávio Meireles, contou-me a história da procissão e todas as suas particularidades, e falou sobre os pratos típicos do Pará e sobre a multidão de 2 milhões de pessoas, decidi que, quando pudesse, testemunharia este evento com os meus próprios olhos. A oportunidade de ir ao Pará surgiu três meses depois, em outubro. Comprei então uma câmera semiprofissional e fui descobrir o Círio, já decidida a produzir meu primeiro documentário. E quando testemunhei a procissão por mim mesma, pude entender o porquê do anseio desses jovens: o Círio não é somente uma grande romaria religiosa, mas um acontecimento social que pára Belém e mobiliza milhões de pessoas por uma só causa. Ao olhar o Círio pode-se entender o poder que tem a fé sobre o ser humano.

A preparação para a viagem até Belém baseou-se na realização de pesquisa bibliográfica e documental. Foram utilizados artigos específicos sobre o Círio de Nazaré, um documentário e uma grande reportagem televisiva produzida pelo programa “Profissão Repórter”. Após o entendimento do tema, uma pauta foi produzida e algumas questões principais foram elaboradas, questões que seriam o norte para a investigação *in loco* e que guiariam a narrativa.

Secundariamente, procurei buscar fontes oficiais e as encontrei por meio da UFPA. Localizei três professores pesquisadores do Círio na universidade: o professor Heraldo Maués, historiador e antropólogo, a professora Rosa Brasil, linguista e pesquisadora dos ex-votos e a Regina Alves, professora de Jornalismo, e agendei entrevistas para a semana em que estaria em Belém.

Com o professor Heraldo Maués foi abordada a história do Círio e o seu lado antropológico, e com a professora Rosa Brasil, o significado dos ex-votos enquanto signos e a relação entre as ideias de merecimento e sacrifício. Após reunir todo o material das entrevistas e elaborar um pré-roteiro, decidi que a entrevista com a professora Regina Alves seria descartada do documentário final em virtude do assunto tratado - a retratação do Círio na mídia - que destoava do restante da narrativa.

Cheguei a Belém na noite de 8 de outubro, e comecei a realizar as entrevistas marcadas. Com o prof. Heraldo Maués a entrevista deu-se em sua própria casa, assim como com a profa. Regina Alves. O encontro com a professora Rosa Brasil se deu na UFPA, antes de uma de suas aulas. Durante o restante da semana, conheci o Museu do Círio, onde ficam guardados alguns ex-votos curiosos – como o vestido de noiva que aparece no documentário -, uma corda do Círio e vários painéis explicativos sobre a história da procissão. Conheci também a Basílica de Nazaré e a Catedral da Sé, a Casa Círio e a Feira do Miriti, loja que vende ex-votos de cera.

Durante todo o tempo fiquei hospedada e fui guiada na cidade pelos mesmos amigos que moraram comigo no Porto, o que foi uma facilidade e tanto tendo em vista a fervorosa que vivia Belém na preparação para o Círio e na quantidade de turistas.

O último objetivo a ser cumprido antes do Círio de Nazaré era encontrar um personagem que me permitisse acompanhá-lo antes, durante e após a procissão. Por meio de amigos consegui o contato de duas pessoas, mas ambas não aceitaram participar. Decidi então chegar o mais cedo possível à romaria, que se inicia às 6h00 da manhã, e coletar depoimentos com algumas pessoas antes que ela começasse, já que depois seria praticamente impossível aproximar-se das pessoas na corda. E foi. Todas as imagens de pessoas com ex-votos caminhando na procissão foram coletadas no início, pouco antes de a berlinda começar a se movimentar. O início do Círio, momento em que as pessoas ainda estão se encaixando na corda, tirando os sapatos e até enfaixando os pés impressiona; estão todos descalços no asfalto para não machucarem os pés uns dos outros, vestidos de branco ou com camisetas personalizadas do Círio, não havendo distinção de classe econômica, gênero ou cor na fila da corda ou na romaria. É como se as todas aquelas pessoas deixassem as suas diferenças em casa, e ali se tornassem um só grupo, embora o que buscassem fossem desejos pessoais e não coletivos.

Foram coletadas imagens no início da procissão, como as das pessoas com os ex-votos e a da promessa Maria do Socorro sendo encaixada na fila da corda, e,

depois, de cima de um prédio baixo. Dali foram coletadas as imagens panorâmicas da procissão. Após a romaria passar pelo prédio, desci novamente para a rua e, fazendo um caminho alternativo, cheguei ao miolo da romaria, numa rua estreita em que as pessoas se afunilavam e caminhavam muito devagar. Nesse momento foi possível ver a berlinda bem de perto, e pude filmar as pessoas saudando a virgem com as mãos. Apesar de toda a algazarra que aquelas milhares de pessoas faziam durante todo o percurso, naquele momento de saudação à virgem, ali próximos à berlinda, a multidão fazia silêncio. Foi um momento muito marcante.

A procissão durou por volta de sete horas e terminou na Basílica de Nazaré, local onde a imagem da santa fica guardada durante todo o ano. No final há o costume de os promesseiros cortarem pedacinhos da corda para guardá-los como um “amuleto” abençoado e também como uma espécie de prêmio, que é a prova de que se chegou até o fim do percurso. Apesar desse costume ter sido proibido há algum tempo para evitar a presença de objetos cortantes, o hábito ainda existe, embora em menor proporção. Não consegui, no entanto, filmar o corte da corda, mais uma vez pela quantidade de gente. Depois que a procissão afunilou, naquele ponto em que pude ver a berlinda de perto, era quase impossível ultrapassar a multidão para chegar antes à Basílica.

Após o Círio rumei para a casa de um amigo, Dilermando Gadelha, cuja mãe, a Hilda, me fez o convite para participar do almoço do Círio juntamente com a sua família. No dia anterior eu já havia estado lá para filmá-la preparando a maniçoba e o pato-no-tucupi. Foi interessante ver como esses alimentos são ritualisticamente preparados e constatar que o almoço do Círio não é *somente* um almoço, mas um encontro da família, de amigos distantes e vizinhos que se unem neste gesto de comunhão. Mais uma vez pude perceber a influência do Círio nas relações sociais e a relevância que ele tem como acontecimento social. E mais, pude comer alguns dos pratos mais saborosos que já provei em toda a minha vida.

A Trasladação, realizada na noite de sábado, começou às 18h00 e acabou por volta das 22h. A locomoção nesta romaria foi mais fácil porque o fluxo de pessoas era menor. Também havia muito mais jovens, e vários estudantes agarrados à corda agradecendo a entrada na universidade, rogando à santa uma vaga ou um emprego. Talvez porque o público seja diferente na Trasladação, a estrutura da romaria também o é. Durante o trajeto - que é o inverso do Círio – são feitas paradas para que a imagem da santa receba homenagens como louvores de um coral, pequenos shows de música e

períodos de oração. Nessa romaria tive a ajuda do Diego Dalmaso para colher imagens, sendo que ele filmou a procissão de cima e eu a filmei das ruas.

No final, a Trasladação acaba sendo menos cansativa, embora as pessoas também andem descalças e por horas. Além disso, na Trasladação há mais pessoas fazendo sacrifícios penosos, como percorrer o trajeto de joelhos - talvez porque haja *espaço* para isso em virtude do menor fluxo de pessoas. Houve uma mulher, por exemplo, que se arrastava de joelhos por cima de papelões, colocados pela cunhada sobre o asfalto, para agradecer a cura de uma enfermidade na filha. A mãe havia prometido a Nossa Senhora de Nazaré que, se a filha se curasse, ela andaria ajoelhada por todo o percurso de 5 km da romaria segurando uma imagem da santa e uma foto da filha. A Trasladação impressiona porque nela vê-se a transmissão da fé, bem como dos cantos e de tradições como a promessa de geração para geração.

Filmadas as procissões, a Casa Círio, o Museu, a Feira do Miriti, o almoço do Círio, e as entrevistas, reuni todo o material e retornei a Bauru no dia 17 de outubro.

4.2 A narrativa

A narrativa do documentário está dividida em blocos. Primeiramente, há uma abertura com imagens emblemáticas da procissão que mostram ao espectador o tema do documentário. No primeiro há a descrição da história do Círio, ao que é introduzido um depoimento de uma devota que está na loja do Círio comprando ex-votos. Ela fala sobre a corda, e, na sequência, vêm as imagens de uma devota sendo encaixada na corda. Em *off*, Maués explica a origem da corda e como ela sobreviveu ao longo do tempo ao se tornar um objeto simbólico.

A narrativa entra, então, no segundo bloco voltando a Casa Círio, onde o proprietário explica quais são os ex-votos mais procurados e que tipo de objetos são produzidos em sua pequena fábrica de cera. É importante notar que ele sublinha que a casa de cera é um dos os objetos mais vendidos, o que pode estar ligado socialmente ao problema da pobreza, dos subempregos e do baixo índice de qualidade de vida no Pará. Seguindo o raciocínio dos ex-votos, o documentário segue com imagens de pessoas carregando objetos na procissão e com a explicação sobre o simbolismo do ex-voto da pesquisadora Rosa Brasil. A última sonora de Heraldo Maués aparece aqui, quando ele cita o exemplo de um vestido de noiva no Museu do Círio e explica sua história. Rosa

Brasil fecha, então, o segundo bloco falando da relação entre as ideias de merecimento e sacrifício.

O terceiro bloco é o bloco mais leve e curto do documentário e fala sobre a Trasladação, mostrando imagens dos jovens e o depoimento de uma jovem que foi à romaria agradecer na corda sua entrada na universidade. Por último, para encerrar com uma tradição tão típica do Círio, o vídeo mostra Hilda, uma mãe de família preparando os pratos típicos do Pará para comemorar o encerramento do Círio junto da família e de amigos.

A estrutura da narrativa foi montada a partir do critério do que era mais importante para entender o Círio de Nazaré para o menos relevante dentro do contexto da procissão. A história contada segue, então, uma ordem lógica, na qual um elemento introduz suavemente o outro, de maneira objetiva. Optou-se por não seguir a ordem cronológica dos eventos colocando a Trasladação antes do Círio por questões estéticas e de quantidade de imagens.

Antes da montagem do documentário, um quarto bloco estava previsto para explicar as festas pagãs e sua relação com a Festa de Nazaré. Entretanto, durante a montagem, a escassez de sonoras e de imagens nítidas sobre o Auto do Círio, que foi realizado à noite, impediu que se montasse um bloco consistente o bastante. Logo, optou-se pela retirada deste bloco, com a certeza de o documentário não perderia informações relevantes para a sustentação da narrativa.

Quanto ao tempo, o roteiro foi pensado para um documentário de cerca de 30 minutos, tempo que permite uma abordagem mais aprofundada do que uma reportagem, mas ainda objetiva e sem provocar o cansaço do espectador. Durante as entrevistas e na edição, optou-se pela liberdade de tempo nas sonoras, sendo que quase todas as sonoras dos pesquisadores têm mais de um minuto. O objetivo é que o raciocínio possa ser desenrolado sem amarras, já que essas sonoras são a base explicativa do documentário. Além disso, a intenção era que a narrativa falasse por si mesma sem necessitar da intervenção constante de um narrador em *off* ou de legendas.

Por fim, a fonte dos créditos escolhida lembra uma escrita artesanal, como nas fontes de cordel e como nos elementos do próprio Círio, que resultam da produção artesanal e popular: os objetos de miriti, as faixas homenageando a santa, etc.

4.3 As dificuldades

As principais dificuldades foram de ordem técnica. Durante a filmagem, a primeira maior dificuldade foi a ausência de um microfone *zoom* ou de lapela. A má qualidade de áudio impediu a utilização de várias sonoras e mesmo as que foram escolhidas contém um pouco de ruído ou barulho de fundo, e tiveram que ser tratadas no programa de edição de áudio Audacity.

A dificuldade de deslocamento pela cidade, já que não dispúnhamos de um carro, foi um fator muito limitante. Todo o deslocamento pela cidade por feito de ônibus ou de táxi, o que tomou tempos preciosos de gravação e até impediu a filmagem de alguns eventos, como a Festa da Chiquita. O próprio trânsito da cidade, muito conturbado no final de semana da Trasladação e do Círio, dificultou o deslocamento.

A segunda maior dificuldade foi o volume de pessoas na procissão do Círio. Embora a corda seja o elemento mais simbólico, com o número de pessoas agarradas a ela, o empurra-empurra dos devotos e o vai-e-vem da polícia e das organizações civis e da igreja ao redor da corda é quase impossível vê-la. De fato, fui ao Círio e não vi a corda sendo segurada pelos fiéis, a não ser o pedaço que era sustentado pela Diretora da Procissão. Só pude ver a corda inteira no Museu do Círio enrolada como uma cobra sobre um pequeno altar. Por esses motivos, não consegui filmar o povo segurando a corda do Círio de Nazaré, imagem que seria a mais simbólica e importante no documentário.

O volume de pessoas também dificultou o deslocamento na própria procissão, sendo que colhi algumas imagens “suja”, como as que filmei de um prédio baixo, nas quais aparecem os fios de alta tensão dos postes ao redor e as placas de trânsito no meio da multidão. Optei por coloca-las no vídeo mesmo assim por dois motivos: a validade da informação que continham e a pura expressão do real. Afinal, o “efeito de realidade” (LINS; CONSUELO, 2011) é uma característica do documentário. “Ao contrário dos roteiros que temem o que neles provoca fissuras e afastam o que é acidental e aleatório, os dispositivos documentais extrairiam da precariedade, da incerteza e do risco de não se realizarem sua vitalidade e condição de invenção” (LINS; CONSUELO, 2011, p. 57). Outro grande desafio foi entrevistar devotos no Círio e na Trasladação para gravar depoimentos. Antes de tudo, porque não há o costume de se contar o pedido que culminou na promessa antes que ela se realize. Depois, porque a procissão é um momento de fragilidade emocional em que muitos estão chorando, louvando ou em

oração. Principalmente no Círio, as pessoas que abordei foram resistentes e a cada nova abordagem uma questão ética já latente na Trasladação aflorava. Eu devia pressionar aquelas pessoas em um momento tão sensível? Devia ser insistente, filmar as lágrimas e o sofrimento? O objetivo era que as pessoas falassem o que estavam fazendo lá, por que carregavam aqueles objetos, mas não expô-las se tornou quase um imperativo moral. Uma jovem que abordei, por exemplo, caminhava em silêncio e cabisbaixa. Ela levava uma cadeira em miniatura, onde se lia o nome do seu curso na universidade; eu a abordei e ela aceitou dar um depoimento. Disse que ela havia passado no vestibular naquele ano, mas que dedicava sua vitória não só à santa, mas ao seu pai, que havia falecido há dez dias. Quando me contou isso, começou a chorar aos soluços. É claro que parei de gravar. Acho que o jornalismo deve se calar em momentos como esse, quando a humanidade se faz mais necessária. Por esses motivos, optei por deixar no vídeo poucos testemunhos, mais sóbrios, e mais imagens gravadas a certa distância.

Um pequeno obstáculo envolveu a gravação no Museu do Círio. Quando fui a Belém, tentei gravar no Museu, mas o lugar requeria uma declaração da universidade atestando que os fins eram educativos e etc. Pelo pouco tempo que fiquei em Belém não consegui a declaração a tempo, mas após consegui-la, alguns meses depois, mais uma vez meu amigo e cinegrafista Diego Dalmaso cedeu sua câmera e ajuda. Ele retornou ao museu do Círio para pegar imagens dos ex-votos, entre eles o do vestido citado por Heraldo Maués, mas por um problema na memória do cartão as imagens se perderam, restando apenas algumas. Por isso a imagem do vestido mostrada no vídeo ficou mal enquadrada – o vestido não era o foco, o que explica o *travelling* da câmera. Utilizei-a mesmo assim por sentir que faria falta ao espectador ouvir sobre o vestido na sonora e não vê-lo.

Por último o tempo para edição também foi uma dificuldade. Comecei a edição no mês de abril, nos períodos livres entre o estágio e os outros compromissos. Tive primeiro, no entanto, que domar o programa Adobe Premier, o qual só havia utilizado duas vezes durante todo o curso de Jornalismo. Dessa forma, a seleção de imagens e a edição bruta foram feitas por mim mesma, mas na finalização contei com a ajuda de um amigo formado em Rádio e TV.

Por fim, ao fazer um balanço de todas as dificuldades e de toda experiência, acredito que o documentário teria ainda espaço para mostrar outras faces do Círio de Nazaré, como o movimento da economia de Belém causado pela Festa, as festas pagãs e

as outras romarias. Para isso, no entanto, seriam necessários mais equipamentos - um microfone, uma luz artificial, mais baterias para a câmera de vídeo – um veículo próprio, mais tempo de permanência em Belém, um orçamento financeiro mais largo, entre outros fatores. Acredito que, dentro das condições disponíveis – e do amadorismo de um primeiro projeto grandioso – o documentário cumpriu e explicou o que propunha, ou seja, a história do Círio e seus elementos simbólicos mais marcantes, sendo assim um recorte dentro da complexa Festa de Nazaré.

4.4 Considerações finais

Viajar ao Pará, conhecer dezenas de pessoas, entrevistar pesquisadores, testemunhar com os meus próprios olhos e ainda registrar em vídeo uma comemoração de tamanho porte como o Círio de Nazaré foi mais do que uma experiência profissional ou acadêmica. Na produção deste curto documentário pude empregar muitos conhecimentos adquiridos em sala e aplicá-los em um produto audiovisual cujo tema pertence às áreas da sociologia e antropologia, que são a minha paixão juntamente com o jornalismo televisivo. Desenvolver este projeto possibilitou que eu começasse a visualizar quem sou enquanto profissional prestes a adentrar o mercado e quais rumos quero seguir. Portanto, toda a experiência, o empenho, a pesquisa e o trabalho técnico demandado por este projeto foi mais do que valoroso tanto pessoal quanto profissionalmente.

Quanto à validade deste trabalho, acredito que ele vá contribuir para aumentar o conhecimento das pessoas sobre o Círio de Nazaré, ainda pouco conhecido fora das regiões Norte e Nordeste do país. Embora várias leis de incentivo à cultura venham procurando dar mais visibilidade e espaço na mídia para as manifestações populares regionais, estas ainda encontram pouco espaço e divulgação fora das regiões a que pertencem. Por isso, é importante que tanto a mídia quanto a produção independente produzam conteúdos que mostrem as diversas faces do Brasil, valorizando as culturas e as identidades nacionais.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BOSI, Alfredo. **Dialética da colonização**. São Paulo: Companhia das Letras, 1992.

CORNIANI, Fabio. **Afinal, o que Folkcomunicação?**. Disponível em <http://www2.metodista.br/unesco/agora/pmc_acervo_pingos_fabio.pdf>. Acesso 9 abril. 2013.

CUCHE, Denys. **A noção de Cultura em Ciências Sociais**. Bauru: EDUSC, 1999.

GAUTHIER, Guy. **O documentário – Um outro cinema**. Tradução: Eloisa Araújo Ribeiro. Campinas: Papirus, 2011.

HALL, Stuart. **A identidade cultural na pós-modernidade**. Tradução: Tomaz Tadeu da Silva e Guacira Lopes Louro. 4ª Ed. Rio de Janeiro: DP&A, 2000.

HOHLFELDT, A. C. **Folkcomunicação: positivo oportunismo de quase meio século**. In: Cristina Schmidt. (Org.). **Folkcomunicação na arena global**. 1ªed. São Paulo: Ductor, 2006, v. 01, p. 62-72.

LIMA, Maria Dorotéa. **Círio de Nossa Senhora de Nazaré em Belém/PA: inventário e registro como patrimônio cultural brasileiro**. In: Anais do Seminário Patrimônio Cultural e Propriedade Intelectual: proteção do conhecimento e das expressões culturais tradicionais, realizado em Belém no período de 13-15 de out. 2004, organizado por Eliane Moreira, Carla Arouca Belas, Benedita Barros, Antônio Pinheiro. - Belém: CESUPA/ MPEG, 2005.

LINS, Consuelo; MESQUITA, Cláudia. **Filmar o real – Sobre o documentário brasileiro contemporâneo**. 2ª Ed. Rio de Janeiro: Zahar, 2011.

MAUÉS, Raymundo Heraldo; PANTOJA, Vanda. **O Círio de Nazaré na constituição e expressão de uma identidade regional amazônica**. In: Espaço e Cultura, UERJ/RJ, n. 24, p. 57 – 68, jul/dez, 2008.

_____. **Outra Amazônia: os santos e o catolicismo popular**. Norte Ciência, V.2, nº 1, p. 1 – 26, 2011.

MELO, José Marques de. **Mídia e cultura popular: história, taxionomia e metodologia da folkcomunicação**. São Paulo: Paulus, 2008.

NICHOLS, Bill. **Introdução ao documentário**. Tradução: Mônica Saddy Martins. 4ª Ed. Campinas: Papirus, 2005.

PUCCINI, Sérgio. **Introdução ao roteiro de documentário**. In: Doc On-line, n.06, Agosto 2009, www.doc.ubi.pt, p. 173-190.

Revista Internacional de Folkcomunicação. Ponta Grossa, V. 10, n. 21, Set./Dez., 2012. Ponta Grossa, PR: Agência de Jornalismo da UEPG, 2012.

SCHIMIDT, Cristina (Org.). **Folkcomunicação na arena global**: avanços teóricos e metodológicos. São Paulo: Ductor, 2006.

TRIGUEIRO, Osvaldo Meira. **O ex-voto como veículo de comunicação popular**. In: Cristina Schmidt. (Org.). **Folkcomunicação na arena global**: avanços teóricos e metodológicos. São Paulo: Douctor, 2006, p. 151-183.

Vídeos

As filhas da Chiquita. Direção: Priscilla Brasil. 51 min. Disponível em: < www.greenvision.com.br > Acesso em: 4 out. 2012.

Profissão Repórter Círio de Nazaré 1. 10 min. Disponível em: < http://www.youtube.com/watch?v=AZI_jYNUHVs > Acesso em: 4 out. 2012.

Profissão Repórter Círio de Nazaré 2. 10 min. Disponível em: < <http://www.youtube.com/watch?v=MWAio8wrDAk> > Acesso em: 4 out. 2012.

Profissão Repórter Círio de Nazaré 3. 4 min. Disponível em: < <http://www.youtube.com/watch?v=febPH2pslde> > Acesso em: 4 out. 2012.